

ALEXANDRE VIDAL PORTO

# Sergio Y. vai à América



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Alexandre Vidal Porto

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Foto de capa*

*Preparação*

Mariana Delfini

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Luciane Helena Gomide

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Porto, Alexandre Vidal

Sérgio Y. vai à América / Alexandre Vidal Porto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2421-3

1. Ficção brasileira I. Título.

14-01798

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

Tudo o que você precisa  
saber sobre mim

*For our vanity is such that we hold our own characters immutable and we are slow to acknowledge that they have changed, even for the better.\**

E.M. Forster

Como falarei da vida alheia, é justo que também fale da minha.

Meu nome é Armando. No mês passado, completei setenta anos. Em geral, pensam que sou mais velho. Durante toda a minha vida foi assim. É o que espero quando conheço alguém. Aparento ter mais idade do que tenho. Mas esta velhice aparente precoce é comum entre os psiquiatras. Absorvemos os problemas dos pacientes. Envelhecemos por eles.

Sou um dos melhores médicos desta cidade. Sei que soa

\* Nossa vaidade é tanta que mantemos nossos próprios personagens imutáveis, e nós somos lentos para reconhecer que eles mudaram, até mesmo para melhor.

imodesto apresentar-me nesses termos, mas é como se referem a mim quando comentam o meu trabalho. Orgulho-me do reconhecimento que me concedem. Sou vaidoso, mas isso não me incomoda. Sempre achei a modéstia uma qualidade superestimada.

Tenho consciência de que a vaidade pode ser traiçoeira. Acho, porém, que, na minha vida, ela desempenhou um papel construtivo. A vaidade me impediu de admitir grandes alterações no ritmo natural de minhas vontades. Como profissional, escolhi não fazer concessões. Explorei minha especialidade como quis. Podia não ter dado certo. Felizmente deu.

Meu pai também foi médico. Quando eu era criança, gostava de vê-lo entrar no carro de manhã para ir ao hospital. Na minha concepção infantil, saber que ele era médico eliminava qualquer possibilidade de morte ou de dor para mim ou para a minha família. Dava-me segurança. Quando encontrávamos pessoas que o conheciam, eu me orgulhava do respeito e da deferência com que o tratavam.

Queria ser médico como ele. Cresci idolatrando-o. Meu pai morreu em um acidente de trânsito estúpido, aos quarenta e oito anos de idade. Eu tinha acabado de completar dezesseis. Depois de sua morte, minha convicção de querer ser médico tornou-se mais firme e profunda.

Foi o que eu fiz.

Em 1967, formei-me na quinquagésima turma da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Desde o primeiro ano, fui o melhor aluno de minha classe. Fiz residência médica nos Estados Unidos e voltei ao Brasil para fazer meu doutoramento. Depois disso, prestei concurso para docência. Comecei como professor-associado de psicologia médica. Aposentei-me como professor catedrático de psiquiatria.

Além dos compromissos acadêmicos, mantive sempre um

número variável de pacientes em psicoterapia. Ao longo de minha carreira, obtive bons resultados. Acho que ajudei algumas pessoas.

Meu pai, Miguel, foi o primeiro namorado de minha mãe, Ondina. Ela enviuvou aos quarenta e cinco anos e não voltou a se casar. Morreu com um ano a menos que a idade que eu tenho hoje. Do tempo em que ficou viúva até a minha formatura na faculdade, não houve um dia em que tenha deixado de ver as irmãs, Alba e Yeda, que moravam juntas em uma casa antiga no bairro de Moema.

Às onze e meia da manhã, seu Joel, o motorista, a levava à casa de minhas tias na alameda Jauaperi. Almoçavam juntas as três. Depois, sentavam-se no sofá, em frente à televisão. Tomavam uma xícara de café e assistiam ao *Jornal Hoje* e ao filme da *Sessão da Tarde*, qualquer que fosse, diariamente.

Por volta das quatro e meia, dona Maria José, a empregada, lhes servia mais café, com uma fatia de bolo, biscoitos ou o que houvesse de gostoso na cozinha. Às vezes, em lugar de ficarem em casa, saíam para o shopping center ou para alguma consulta médica. Seu Joel as levava. Sentavam-se juntas no banco de trás do carro.

Quando fui a Nova York fazer residência, minha mãe se mudou temporariamente para a casa das irmãs. Nunca mais saiu de lá. Ondina, Alba e Yeda viveram juntas na alameda Jauaperi até morrerem.

Foram-se como aves, no espaço de dez meses. A primeira a falecer foi Alba, atropelada por um motoboy enquanto tentava pegar um táxi na saída da agência bancária onde recebia a aposentadoria. Morreu em janeiro. A segunda foi minha mãe, que havia sido diagnosticada com câncer no pâncreas no final

do ano anterior. Partiu em maio. Yeda foi a última. Sofreu um derrame durante a noite e jamais acordou para ver o dia 19 de agosto.

Eu também sou viúvo. Minha mulher, Heloísa, morreu faz quase sete anos. Depois de sua morte, o que senti de mais concreto foi alívio. Doía vê-la definhando, aos poucos, no hospital. Para me proteger da dor, cerca de um mês antes de sua morte real, desenganei-a dentro de mim. Matei-a antes que ela morresse. Mas estive a seu lado todo o tempo, até que o coração finalmente parasse de bater.

Já superei a perda de Heloísa. Levo uma vida normal e satisfatória. Não me sinto sozinho. Mas falar do meu estado de viuvez ainda me incomoda. Não porque isso me sensibilize ou cause tristeza. É justamente o contrário. Acho que deveria me sensibilizar mais do que me sensibilizo. É isso o que me perturba.

Tive um casamento feliz, que durou trinta e sete anos. O casamento continua a ser feliz na foto sobre a cômoda no quarto que dividíamos. A existência da minha mulher nos limites da-quele porta-retratos me basta. Não preciso de mais.

Posso parecer frio, desprezível até, mas exponho meus sentimentos dessa forma para reforçar minha alegação de sinceridade e boa-fé ao escrever este relato.

Heloísa e eu tivemos uma única filha, Mariana, que é adulta e vive em Chicago. Casou-se com um americano que conheceu quando fazia mestrado. Ainda não tenho netos.

Desde que Mariana saiu de casa para estudar fora, quatro anos depois que a mãe morreu, vivo sozinho em um apartamento de quatro quartos na rua Ceará, em Higienópolis, na cidade de São Paulo, no mesmo lugar em que, outrora, morávamos os três.

Com minhas obrigações conjugais terminadas e as paternais arrefecidas, os pacientes passaram a ocupar um espaço maior na minha vida. Hoje, não sei o que faria sem eles. Se todos desaparecessem, dizimados por alguma praga, digamos, provavelmente arranjaria coisas para fazer. Não morreria de tédio. Mas a verdade é que preciso definir o que farei quando já não tiver a quem tratar.

O mais natural seria que me mudasse para a casa da praia, que é onde a maior parte dos meus livros está. No entanto, sei que, enquanto tiver pacientes em São Paulo, ficarei por aqui, porque nada na vida me dará mais prazer. Quando minha mãe se queixava de que meu pai atendia a gente demais, ele respondia: “Médico sem paciente é ninguém”. Concordo com ele.

É nos pacientes que encontro a matéria-prima da minha realização no mundo. Cuido deles da melhor maneira possível. Envolve-me com seus casos. Por cada um deles, leio, reflito, dou de mim. Procuo entender o que os aflige. Pondero longamente. Sou meticoloso. Demoro a tirar conclusões.

Se eu permitisse, minha vida seria invadida e tomada por questões pessoais que não me pertencem. E eu pareceria ainda mais velho. Para me preservar, tenho hoje apenas cinco pacientes. Atendo cada um em um dia da semana, de segunda à sexta. Assim, organizo o meu tempo de forma mais produtiva.

Como terapeuta, costumava tomar notas minuciosas de cada uma das sessões que fazia. Porém, desde que diagnosticaram um início de artrite na minha mão direita, esse hábito mudou. No Natal de 2003, ganhei da minha filha um gravador digital, desses que não precisam de fitas. Depois disso, comecei a fazer apenas anotações genéricas e a gravar discretamente as sessões, para posterior consulta.



Passsei a reescrever minhas notas com tranquilidade, depois das sessões. Essa mudança deu mais consistência ao meu trabalho analítico. Podia repetir a gravação quantas vezes quisesse. Podia escutar as pausas, os silêncios, perceber as mudanças de ritmo na respiração. Ganhei elementos de análise que o método anterior de anotação não conseguia me dar.

Todas as vezes que um caso clínico deixou de instigar meu interesse, procurei dispensá-lo quanto antes. Sempre que fiz isso, a lógica a que obedeci foi mais ou menos a seguinte: não quero dedicar meu tempo a este paciente, portanto ele não precisa de mim. Estará melhor em outras mãos.

Houve vezes, no entanto, em que o caso clínico que tinha diante de mim me interessava de forma genuína, e eu, por razões que fugiam ao meu controle, não consegui despertar o interesse do paciente para o tratamento. Quando isso acontecia, o dispensado era eu.

Sempre que um paciente me abandonou, senti uma infelicidade profunda: infantil e injustificável. Algo semelhante à impotência que sente uma criança ao descobrir que seu brinquedo favorito foi quebrado por outra criança mais nova, sem que nada se possa fazer a respeito.

Nos casos em que me interessei pelo caso clínico e o paciente se interessou pela terapia, em algum momento do tratamento, invariavelmente, fiquei obcecado. Minhas obsessões se mantiveram pelo tempo que resistiu o mistério para mim. Duraram enquanto o caso me deixou perdido, procurando entendê-lo.

Algumas obsessões foram superadas facilmente. Outras, porém, perseguiram-me por anos a fio, mesmo depois que se encerrou a relação terapêutica. Acho que foi isso que aconteceu com Sergio Y.

Com ele, aprendi que alguns pacientes percebem antes do médico o ponto ótimo do tratamento — a hora de parar, a partir

da qual os rendimentos se tornam decrescentes. Foi com Sergio que descobri a importância da humildade.

Nunca consegui entender, porém, se nesta história que vou contar alguém chegou de fato a abandonar alguém.

Quero deixar claro que não gostaria, a esta altura da vida, de expor a intimidade de uma pessoa que confiou sua privacidade a mim. No entanto, se comento esse caso clínico e, de alguma maneira, falto com meu juramento profissional, é pela mais meritória das razões.

Meus olhos não foram cegos. Minha língua não calou aos segredos que me foram revelados. Eu sei. Mas tenho princípios. Minha intenção, ao contar esta história, nada tem de nocivo. Quero tornar-me um médico melhor e um ser humano mais íntegro. Quero apenas aprender.

O paciente sobre quem falarei chegou ao meu consultório recomendado pela diretora da escola em que estudava, minha amiga dos tempos de faculdade. Em sua mensagem de e-mail, ela dizia que um aluno de dezessete anos, “articulado, inteligente e confuso”, me procuraria. Segundo ela, seria um “caso interessante”.

Levei suas palavras em consideração.

O paciente interessante

Fazia muito calor em São Paulo. Na rua, as pessoas tinham passado a manhã desejando que chovesse para se refrescarem um pouco. Ninguém imaginava, porém, que fosse escurecer tão de repente, ou que fosse cair tanta água do céu. Uma hora e meia de chuva foi suficiente para conturbar o trânsito de toda a cidade.

Meu consultório fica no vigésimo andar de um prédio comercial. Da janela, avisto a marginal do rio Pinheiros. Sentado em minha poltrona, pude ver quando as nuvens negras começaram a cobrir o céu e a escurecer todo o horizonte.

Acendi as luzes na recepção e andei até a copa para fazer um pouco de café. Voltei ao consultório com minha caneca na mão, conformado com o fato de que o possível novo paciente não compareceria a nossa primeira sessão. Não chegaria a tempo, ficaria preso no tráfego. Coisas da vida em São Paulo.

Sentado sob a luminária acesa, esperava a qualquer instante a cortesia mínima de um telefonema cancelando a consulta. Enquanto isso, para não perder tempo, comecei a ler um projeto de tese de uma orientanda.

O compromisso com Sergio Y. era o último do dia, mas, como ele não conseguiria chegar até mim, encerraria meu expediente mais cedo. Ficaria no consultório até que o trânsito estivesse menos congestionado e eu pudesse voltar para casa tranquilamente.

Não conheceria o rapaz inteligente e confuso recomendado pela colega de faculdade, mas teria tempo de ler o projeto de tese da Luciana Cossermelli, coisa que eu teria de fazer de qualquer maneira. Para mim, naquele momento, tanto fazia se atendia a um paciente novo ou se acabava de ler um projeto sobre metodologia para a implantação de centros públicos para saúde mental. Era tudo trabalho, que deveria ser feito.

No entanto, às cinco em ponto, a campainha do consultório soou. Para minha surpresa e admiração, ele chegara sem atraso à consulta.

Como a recepcionista havia saído mais cedo por causa da chuva, eu mesmo lhe abri a porta. Vestia jeans, tênis e uma camiseta branca com uma estampa do Mickey Mouse. Antes de me cumprimentar com um aperto de mão, apresentou-se: “Eu sou o Sergio Y., vim recomendado pela professora Heloísa Andrade, do Colégio Rousseau. Tudo bem?”.

Reconheci o sobrenome e deduzi que ele fosse filho de quem era mesmo. Conhecia seu pai de nome. À época, porém, não sabia que seu cabelo negro e liso era como o de sua mãe.

No consultório, esperou que eu o convidasse a sentar. À minha frente, de forma muito desenvolta, tomou a iniciativa da conversa. Falou que havia pedido à diretora de sua escola uma recomendação de terapia porque “queria garantir um futuro minimamente feliz”. “Eu sou muito pessimista”, me disse.

Tinha consciência de que, objetivamente, contava com todos os elementos necessários para uma vida feliz. Tinha saúde. Tinha conforto material. Era bonito. Gostava de sua escola. Seus pais eram bons com ele.

No entanto, sentia-se triste o tempo todo. Uma vez, disse:

“A minha natureza é deprimida. Sempre foi. Não consigo escapar dela”. Hoje, em retrospecto, parece-me claro que foi o inconformismo com sua situação de infelicidade que o levou a me procurar.

Por alguma razão que não entendia, mais cedo ou mais tarde seu humor sempre se revertia para um estado de infelicidade, que, segundo ele, parecia um dado permanente de sua realidade: um sentimento de tristeza constante, que não conseguia parar de sentir e cuja origem não podia identificar. Sua natureza íntima era infeliz. A afirmação “sou uma pessoa triste”, assim, entre aspas, consta das notas que tomei em nossa primeira sessão.

Depois que ele saiu, lembro-me bem, tive de limpar o tapete do consultório, que seus sapatos embarrados sujaram. Enquanto apagava suas pegadas, pensava que havia gostado da maneira como ele articulava as ideias.

Na segunda sessão, Sergio Y. tomou a iniciativa de me perguntar se poderia passar para o divã. Deitado, contou que não possuía muitos amigos, mas que não se sentia isolado por isso. Falou de sonhos recorrentes que tinha com o seu bisavô e com antepassados armênios de quem nunca tinha ouvido falar e que nem sequer identificava.

Sua forma de se expressar era insólita para um garoto de dezessete anos. Era loquaz sem parecer ansioso, e, mais importante, seu tom de voz não me irritara, coisa que tendia a acontecer com alguns pacientes novos que me recomendavam.

Convenci-me de que o caso de Sergio Y. me interessava de fato na sessão seguinte. Para os nossos encontros, ofereci-lhe as quartas-feiras, de cinco às seis da tarde.

Ele aceitou.